

Educação financeira se aprende na Escola: uma proposta para os alunos do ensino médio de uma Escola Estadual de Cláudio/MG

Financial Education is learned at School: a proposal for high School students at a state School in Cláudio/MG



Valdilene Gonçalves Machado Silva¹, Osinaldo Justino de Almeida², Maria Augusta de Assis Vieira³

RESUMO

O artigo foca no desenvolvimento e implementação de um programa de educação financeira para estudantes do ensino médio na Escola Estadual Presidente Tancredo de Almeida Neves, em Cláudio/MG. O objetivo geral é promover a autonomia financeira sustentável e consciente entre os alunos, integrando extensão universitária e pesquisa acadêmica. Especificamente, busca-se introduzir conceitos fundamentais de educação financeira, demonstrar ferramentas de controle financeiro pessoal, apresentar opções de investimentos, promover discussões sobre consumo consciente e estratégias para a formação de reservas financeiras, e capacitar os estudantes a gerirem suas finanças e tomar decisões financeiras conscientes. O curso foi estruturado em torno de atividades interativas, incluindo aulas dialogadas, dinâmicas em grupo, atividades individuais, e uma gincana. Utilizou-se uma abordagem mista de pesquisa quantitativa e qualitativa. A quantitativa envolveu a aplicação de questionários pré e pós-curso, baseados em escala Likert, para avaliar o entendimento dos estudantes sobre finanças pessoais. A pesquisa qualitativa consistiu em observações dos participantes e análise de documentos como cartas e trabalhos dos alunos, além de depoimentos sobre a educação financeira. A metodologia também incluiu uma fase de preparação e revisão do curso, com foco na seleção de materiais didáticos adequados e alinhados aos princípios da Educação Financeira de forma crítica. Os resultados indicaram um aumento significativo na compreensão e no gerenciamento financeiro dos alunos. Observou-se melhoria na capacidade dos estudantes de controlar gastos, entender a importância do planejamento financeiro, e reconhecer a escola como espaço fundamental para aprendizagem financeira. A análise dos questionários mostrou que, após o curso, os alunos tinham maior consciência sobre o impacto de suas escolhas financeiras e demonstraram maior propensão para economizar e investir. Além disso, a iniciativa teve um efeito multiplicador, estendendo o aprendizado para as famílias dos estudantes. O projeto demonstrou ser eficaz na promoção da educação financeira, alcançando os objetivos estabelecidos. A interação dialógica e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ressaltadas como princípios da Extensão Universitária, foram efetivamente aplicadas.

Palavras-chave: Educação financeira. Ensino médio. Qualidade de vida.

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Cláudio, Minas Gerais, Brasil. E-mail: valdilene.gmachado@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7262-6438>

² Filósofo e graduando em Administração. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Cláudio, Minas Gerais, Brasil. E-mail: osinaldo.1893168@discente.uemg.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-9561-554X>

³ Especialista em Criminologia, Segurança Pública e Direitos Humanos. Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Cláudio, Minas Gerais, Brasil. E-mail: maria.vieira@uemg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3452-6310>

ABSTRACT

The article focuses on the development and implementation of a financial education program for high school students at Presidente Tancredo de Almeida Neves State School in Cláudio/MG. The overall objective is to promote sustainable and conscious financial autonomy among students, integrating university extension and academic research. Specifically, the aim is to introduce fundamental concepts of financial education, demonstrate tools for personal financial management, present investment options, foster discussions on conscious consumption and strategies for financial reserves formation, and empower students to manage their finances and make informed financial decisions. The course was structured around interactive activities, including lectures, group dynamics, individual activities, and a quiz. A mixed-method research approach was employed, with quantitative research involving pre- and post-course Likert scale questionnaire surveys to assess students' understanding of personal finance. Qualitative research consisted of participant observations and analysis of documents such as letters and students' work, as well as testimonials about financial education. The methodology also included a course preparation and review phase, focusing on the selection of appropriate teaching materials aligned with the principles of Critical Mathematics Education. The results indicated a significant increase in students' understanding and financial management. There was improvement in students' ability to control expenses, understand the importance of financial planning, and recognize school as a fundamental space for financial learning. Analysis of the questionnaires showed that after the course, students had greater awareness of the impact of their financial choices and demonstrated a greater propensity to save and invest. Additionally, the initiative had a multiplier effect, extending learning to students' families. The project proved to be effective in promoting financial education, achieving the established objectives. The dialogical interaction and the inseparability between teaching, research, and extension, emphasized as principles of University Extension, were effectively applied.

Keywords: Financial education. High school. Quality of life.

INTRODUÇÃO

De modo geral, as pessoas lidam com o dinheiro de forma intuitiva e não planejada, pela falta de conhecimento. Em situações pouco adversas, elas podem ser levadas a fazer aplicações em ativos que não geram rendimento real, porque perdem até mesmo para a inflação. Essas pessoas não chegam a perder dinheiro, mas, sem dúvida, deixam de ganhar. Infelizmente, o mais comum é vê-las adotando um estilo de vida incompatível com sua renda e esta postura gera grandes transtornos. Compras por impulso, uso inadequado do cartão de crédito, resistências ao hábito de poupar são grandes promotores do endividamento exagerado. E as dívidas minam a autoestima, diminuem a qualidade do sono, aumentam o desgaste e isso diminui a capacidade de reflexão e reação do ser humano. Segundo Pati (2023b), atualmente, quase 8 em cada 10 brasileiros estão endividados.

Ao saber lidar com as finanças o cidadão adquire consciência de quanto, como e por que gastar, quanto de dinheiro está chegando e para onde ele está indo. O patamar de endividamento nacional revela que a população, por falta de acesso ou até mesmo de interesse, não tem dado a devida importância ao tema. “Talvez esse aparente desinteresse decorra do fato de acharmos que sabemos mais sobre o uso do dinheiro do que realmente

sabemos, e por isso a falsa sensação de que dominamos os assuntos relacionados à gestão financeira.” (CORECON, 2016, p.3).

A ligação entre extensão e pesquisa é fundamental para promover uma abordagem integrada no desenvolvimento de projetos educacionais. A pesquisa fornece embasamento teórico e metodológico para a concepção e execução de atividades de extensão, enquanto a extensão permite a aplicação prática dos conhecimentos gerados pela pesquisa, contribuindo diretamente para a comunidade e promovendo o engajamento dos estudantes em experiências significativas de aprendizagem. Nesse sentido, ao oferecer um curso de Educação Financeira para os estudantes do ensino médio da Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves, como parte do projeto de extensão da UEMG, unidade acadêmica de Cláudio, intitulado "Educação Financeira se aprende na escola: uma proposta para os alunos do ensino médio das Escolas Estaduais de Cláudio/MG", busca-se não apenas complementar a formação dos jovens, mas também contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da comunidade local, capacitando os alunos a gerir suas finanças de forma responsável e consciente.

Nesse sentido, este trabalho se justifica, pois visou despertar nos estudantes maior interesse pelo tema a fim de adquirirem conhecimento e autocontrole suficientes para fazerem uma boa administração de seus recursos financeiros e buscarem aprofundamentos posteriores, para terem uma vida financeira saudável no futuro.

O objetivo geral deste projeto foi promover a educação financeira na Escola Estadual Presidente Tancredo de Almeida Neves em Cláudio/MG, integrando os princípios da extensão universitária com os conhecimentos da pesquisa acadêmica. Isso foi concebido visando estimular uma autonomia financeira sustentável e consciente entre os alunos. Para alcançar esse objetivo, os objetivos específicos foram: introduzir os conceitos fundamentais da educação financeira, fornecer demonstrações das ferramentas disponíveis para o controle financeiro pessoal, apresentar diversas opções de investimentos financeiros, promover discussões sobre consumo consciente e estratégias para formação de reservas financeiras, e capacitar os estudantes para gerenciar suas finanças e tomar decisões financeiras mais informadas e conscientes.

A atividade de extensão se liga à pesquisa, pois resultou em conhecimentos adquiridos pelos seus executores por meio dos dados empíricos coletados durante a prática. Os dados obtidos proporcionaram conhecimentos sobre o nível de compreensão dos alunos em relação aos conceitos de educação financeira, suas habilidades de gerenciamento financeiro e as principais dificuldades enfrentadas. Além disso, os

executores puderam observar de perto o impacto das estratégias de ensino utilizadas, identificar áreas de melhoria e desenvolver uma compreensão mais profunda das necessidades e demandas dos estudantes em relação ao tema. Esses dados empíricos contribuíram significativamente para o aprimoramento contínuo da atividade de extensão e para o desenvolvimento de futuras iniciativas educacionais relacionadas à educação financeira.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Quando Cunha (2020) analisa as origens institucionais da Educação Financeira, identifica que, no âmbito internacional, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, é a principal referência no tocante à produção e validação de conteúdos relativos ao tema em questão. A OCDE (2005) recomenda a criação de Estratégias Nacionais de Educação Financeira (ENEF), sustentando que a educação financeira é uma ferramenta para promover o crescimento econômico, já que se trata de um

processo pelo qual consumidores/investidores financeiros aprimoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, por meio de informação, instrução e/ou aconselhamento objetivo, desenvolvem as habilidades e a confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, a fazer escolhas informadas, a saber onde buscar ajuda, e a tomar outras medidas efetivas para melhorar seu bem-estar e sua proteção financeiro. (OCDE, 2005, p.5).

No Brasil, segundo Cunha (2020), este conceito foi fundamental para estruturar a educação financeira como uma política pública de inclusão financeira, entendendo que tal inclusão é benéfica não só para o cidadão que a recebe, mas também para o país como um todo. Investir na formação financeira da população é investir em crescimento econômico. Assim, em 2006 foi criado o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiros, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC), que em 2010, coordenado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) instituiu a ENEF brasileira “com o objetivo de ser uma política pública e com a finalidade de fortalecer a cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional” (BRASIL, 2010, p.1).

De fato, a ENEF brasileira veio para aprimorar o entendimento dos consumidores acerca dos conceitos dos produtos financeiros, a fim de promover mais segurança nas

tomadas de decisões, desenvolvendo na sociedade habilidades financeiras que facilitem a “identificação de riscos e oportunidades envolvidos nas decisões econômicas” (BRASIL, 2010 p.1). Na mesma perspectiva, o Conselho Regional de Economia do Mato Grosso do Sul – CORECON/MS destaca a importância da educação financeira entendendo-a como “um meio de prover conhecimento e informações sobre comportamentos financeiros básicos que contribuem para melhorar a qualidade de vida das pessoas e de suas comunidades” (CORECON, 2016, p.5).

Cerbasi (2012, p.12) afirma que essa melhoria na qualidade de vida acontece mediante a uma mudança de hábitos promotora de um melhor controle sobre o dinheiro e maior eficiência no uso da renda de maneira que elas possam “consumir mais, privar-se menos, aproveitar melhor suas oportunidades de crédito, equilibrar suas dívidas,” e fazer investimentos que viabilizarão uma vida com mais realizações.

Pati (2023a), traz os preocupantes resultados da pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor (PEIC) de setembro de 2023. A referida pesquisa apontou que 79,4% das famílias que recebem de zero a três salários-mínimos têm alguma conta em atraso. E no mês de agosto essa mesma pesquisa registrou recorde de inadimplência apontando que pelo menos 12,7% da população não tem condições de pagar as dívidas dos meses anteriores, revelando que ainda existe um longo desafio a ser superado.

O CORECON (2016) coloca os sonhos como o primeiro passo a ser dado por aqueles que pretendem trilhar um caminho diferente. Ter um grande sonho fará com que a pessoa saiba exatamente onde ela quer chegar. Posteriormente, será necessário transformar este sonho em um projeto. Cerbasi (2012, p.26) sustenta que é fundamental que se faça um bom planejamento “que se traduza em gastar menos do que ganha e investir a diferença com regularidade”.

Nigro (2018) afirma que o processo de enriquecimento demanda três atitudes, que compõem o que ele chama de tripé da riqueza: gastar bem, investir melhor e ganhar mais. Gastar bem, envolve uma mudança de comportamento, renunciando a um conforto presente em vista de um sucesso futuro.

Com o segundo elemento do tripé – investir melhor – Nigro (2018) enfatiza a importância de “investir melhor” como um dos elementos fundamentais para o sucesso financeiro. Ele sugere uma abordagem crítica ao mercado financeiro, evitando comportamentos de manada, onde as decisões de compra ou venda são tomadas de forma irracional, baseadas apenas no comportamento dos outros. Nigro também destaca a

importância de buscar ativos que ofereçam boa rentabilidade sem comprometer a segurança.

E, finalmente, seu último ponto – ganhar mais, que de acordo com Nigro (2018), volta-se para a necessidade de se aumentar a geração de renda para alavancar a evolução patrimonial, dando grande destaque para o papel do empreendedorismo neste quesito, uma vez que a maioria dos detentores de grandes riquezas no mundo construíram-nas através dos lucros de suas empresas. Silva *et al.* (2024) destacam que a educação empreendedora faz os alunos entenderem que ela representa uma alternativa para gerar renda e alcançar maior independência financeira.

Destaca-se que o termo "empreendedorismo" neste artigo deve ser interpretado no sentido de não naturalizar essa categoria, mas sim compreendê-la como uma construção que está inserida em um contexto específico de produção e que reflete uma visão particular do econômico, do social e do político. Ao revisar as menções ao empreendedorismo, é importante não o assumir como uma realidade inquestionável ou universalmente aceita, mas sim analisá-lo criticamente dentro do contexto em que é utilizado. Isso implica em questionar as noções preestabelecidas sobre empreendedorismo e considerar as diferentes perspectivas e abordagens que podem existir em relação a essa temática. Em vez de naturalizar o empreendedorismo, o objetivo é examiná-lo de maneira reflexiva, reconhecendo suas origens e implicadores sociais, econômicos e políticos.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NAS ESCOLAS

No final de 2009, o Rio de Janeiro recebeu a Brazilian International Conference on Financial Education - OECD. Cunha (2020, p. 4) destaca que tal evento reforçou a ideia de que o “objetivo de aumentar o conhecimento e as competências financeiras de estudantes e crianças na escola se tornou alta prioridade, assim como importante desafio para formuladores de políticas ao redor do mundo”.

Já em 2010, a ENEF brasileira chama atenção para o efeito multiplicador que a implantação da educação financeira nas escolas pode gerar, pois os adolescentes, uma vez letrados no assunto, podem transmitir tal conhecimento para seus familiares em suas casas e, assim, romper com o ciclo de gastos inconsequentes (BRASIL, 2010). De fato, segundo o Encontro de Produção Científica e Tecnológica - EPCT (2011), muitos arrimos de família não têm domínio das informações e possibilidades sobre educação financeira o bastante para ensinar aos seus filhos no ambiente familiar. Por isso, é muito importante que esse tema seja didaticamente abordado nas escolas para que os alunos tomem

conhecimento da matéria e sejam capazes de lidar com suas finanças, aplicando o aprendizado no cotidiano.

Em 2018 a educação financeira finalmente foi inserida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que:

(...) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.9)

Matos *et al.* (2022) identificam várias referências à educação financeira ao longo do texto da BNCC. A primeira delas encontra-se na parte introdutória em que a educação financeira é colocada como um dos temas contemporâneos que deverá compor o currículo de maneira transversal e integradora. E, por se tratar de um tema transversal, ela aparece em diversos campos de estudos com abordagens específicas em cada uma delas. O campo da matemática tem maior destaque pois as técnicas de cálculo e raciocínio lógico conferem ao sujeito uma maior capacidade de resolver problemas complexos do cotidiano. Nesse caso, estudos de conceitos básicos de economia, como Selic, IPCA, impostos e aplicações financeiras podem favorecer a assertividade nas tomadas de decisões. As ciências humanas, por sua vez, têm o desafio de compreender os impactos que as inovações tecnológicas provocam nas relações de trabalho, produção e consumo. Contudo, os mesmos autores sustentam que a BNCC não deixa claro como o professor irá inserir a educação financeira em sua disciplina. E o desafio torna-se ainda maior se for levado em consideração o fato de que muitos professores não estão familiarizados com o tema.

Skovsmose (2001) argumenta que uma reflexão sobre as dinâmicas de poder presentes na sociedade é fundamental para uma Educação Matemática Crítica, uma vez que essas dinâmicas influenciam diretamente a forma como percebemos e compreendemos a Matemática. Ele ressalta que os conteúdos curriculares são moldados por influências econômicas e políticas ligadas às relações de poder na sociedade, o que faz com que o currículo funcione como um reflexo dessas relações sociais. Embora muitas vezes não sejam explicitamente discutidas com os alunos, as questões de poder permeiam a educação e têm um impacto significativo nas decisões tomadas pelos profissionais da área educacional em todos os níveis, afetando assim o dia a dia dos cidadãos.

Silva (2018) destaca a possibilidade de abordar a Educação Financeira de maneira reflexiva, indo além da simples identificação de cédulas e moedas do Sistema Monetário. O autor enfatiza a importância de envolver os alunos em reflexões, discussões e expressão de opiniões sobre os conteúdos apresentados nas atividades, estimulando assim o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

A Educação Financeira emerge como um dos alicerces fundamentais para a inclusão social dos cidadãos em uma nação. Nesse contexto, para Pessoa, Muniz e Kalinke (2018), a introdução de temas financeiros nos ambientes escolares, por meio de abordagens interdisciplinares, conforme preconizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no Brasil, pode criar oportunidades para a exploração em contextos de aprendizagem. Esses cenários e ambientes, elaborados com a colaboração de diversas disciplinas em conexão com a Matemática, facilitarão o desenvolvimento da Literacia Financeira. A utilização de materiais didáticos e recursos alinhados aos princípios da Educação Matemática Crítica, juntamente com atividades criteriosas, será essencial para promover a aquisição dessa competência financeira.

METODOLOGIA

Em 2008 a OCDE (2012, p.3) criou a International Network on Financial Education (INFE), que é uma rede criada “para promover e facilitar a cooperação entre os formuladores de políticas públicas e outras partes interessadas em questões de educação financeira em nível internacional”. A INFE, em seus princípios de alto nível para avaliar programas de educação financeira, afirma que a avaliação possui a mesma importância que qualquer outro aspecto do programa. E, para proceder essa avaliação, recomenda que os programas como este, projetados para aumentar o conhecimento ou as habilidades apliquem testes antes e depois para verificar se houve aprendizagem.

Deste modo, de acordo com Dalfolvo, Lana e Silveira (2008) a pesquisa realizada para avaliação deste trabalho pode ser classificada, quanto aos objetivos, como pesquisa descritiva, já que se caracteriza por registrar um fenômeno específico e descrever a maneira como ele ocorre. De fato, o presente estudo, visou registrar e descrever a construção, aplicação e os primeiros impactos gerados pelo curso de Educação Financeira, ministrado na escola Estadual Tancredo de Almeida Neves, que foi uma atividade do projeto de extensão intitulado ‘Educação Financeira se aprende na escola: uma proposta para os alunos do ensino médio das escolas estaduais de Cláudio/MG’, desenvolvido pela UEMG, unidade acadêmica de Cláudio.

Ainda alinhado com os pensamentos dos mesmos autores, é possível classificar esta pesquisa, quanto à abordagem, como quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa trata de tudo aquilo que pode ser medido e traduzido em números, analisados e classificados através de técnicas estatísticas. Neste caso, a quantitativa contou com a aplicação de um questionário aos cursistas, gerado pela plataforma *Google forms*, com 25 questões fechadas que foi aplicado no início e no final do curso com o objetivo de avaliar os resultados do trabalho, sendo que as 8 questões iniciais, que tratam do perfil dos alunos, foram suprimidas do segundo questionário.

Grande parte das questões foi formulada tendo como opção de respostas a escala Likert. Dalmoro e Vieira (2014) sustentam que Rensis Likert desenvolveu em 1932 uma escala de mensuração baseada em um sistema de medida contínuo com 5 categorias de resposta. Essa escala ganhou grande popularidade pela sua capacidade de alcançar propriedades como confiabilidade, validade e sensibilidade. Diante disso, as questões em escala Likert do questionário do presente estudo contaram com respostas variando de 1 a 5, levando em conta o grau de concordância, sendo 1, discordo totalmente, e 5, concordo totalmente ou ainda levando em conta a frequência, sendo 1 nunca e 5, sempre. As questões foram respondidas *online*, através de um *link* gerado pela plataforma *Google forms* e enviado aos estudantes via *whatsapp*. O intuito dessa pesquisa foi caracterizar o entendimento dos estudantes sobre suas finanças pessoais, sua condição financeira, seu perfil financeiro e suas expectativas para o futuro.

Já a pesquisa do tipo qualitativa, segundo Dalfolvo, Lana e Silveira (2008), trata do que não pode ser traduzido em números e tem como objetivo verificar se existe relação entre a realidade e o objeto de estudo em questão. Neste caso, a pesquisa do tipo qualitativa reuniu observações do bolsista quanto ao comportamento, envolvimento, participação e evolução dos cursistas; análise documental realizada nas cartas escritas pelos estudantes, projeções e demais trabalhos realizados em casa e entregues ao professor; perguntas respondidas de maneira espontânea ao longo do curso, recolhendo depoimentos e histórias de vida de grande valia para o desenvolvimento das atividades propostas. Aqui, buscou-se identificar as perspectivas dos alunos a respeito da educação financeira, bem como o contexto em que estavam inseridos e os possíveis impactos do curso sobre a situação pesquisada, reconhecendo que, ao mesmo tempo que o pesquisador exerce influência sobre os alunos, é por eles influenciado.

Para a abordagem metodológica do trabalho pedagógico com o público-alvo, inicialmente, foi conduzida uma etapa de preparação do curso. Essa preparação envolveu

a seleção criteriosa de materiais apropriados por meio de pesquisa em livros, artigos e documentos de autoridades no campo da educação financeira. O objetivo dessa pesquisa foi construir um arcabouço sólido com obras consolidadas na área, proporcionando uma base robusta para o desenvolvimento do curso. A partir dessa seleção, foram definidas as principais temáticas a serem exploradas com os alunos, garantindo uma abordagem educacional fundamentada e abrangente. Posteriormente, foi estruturado um curso que sofreria leves alterações ao longo de sua aplicação, tendo em vista o interesse e a realidade dos discentes.

Após esses preparativos iniciais a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves, em Cláudio – MG foi convidada a receber o curso de Educação Financeira. A escola aceitou o convite prontamente, pois ele vinha de encontro a sua necessidade de implementar a orientação da nova BNCC de introduzir o tema educação financeira como tema transversal a ser trabalhado. A escola sugeriu que ele fosse ministrado aos alunos do primeiro ano do ensino médio que manifestassem interesse em participar das aulas. Feita a consulta aos alunos, o curso recebeu 34 inscrições, que foram realizadas pela própria escola.

Em seguida, foram decididas em comum acordo com a escola as datas e os horários do curso, a metodologia, os recursos didáticos que seriam necessários, as dinâmicas e o sistema de avaliação e premiação dos alunos destaque.

Os temas selecionados para serem apresentados e discutidos em sala de aula foram: sentido da vida, formação de reservas financeiras para proteção contra imprevistos, geração de renda, empreendedorismo, planejamento e controle financeiro, bom uso do crédito e administração das dívidas, investimentos e independência financeira.

Enfim, o curso foi ministrado de maneira presencial pelo bolsista do projeto, de setembro a novembro do ano de 2023 em aulas semanais de 1h40min e contou com uma palestra sobre empreendedorismo ministrada por uma consultora do Sebrae, além de aulas dialogadas, atividades em grupo e individuais para serem executadas em domicílio, dinâmicas, vídeos, músicas, debates. Terminado o curso, foram discutidos os resultados alcançados, a relevância do projeto junto à comunidade, e os pontos de melhoria a serem revisados.

A atividade de extensão desenvolvida neste projeto estabeleceu uma estreita ligação entre pesquisa e prática, integrando os princípios da extensão universitária com os conhecimentos adquiridos por meio da pesquisa acadêmica. Foi realizada uma

articulação entre esses dois componentes, onde a execução da atividade de extensão na Escola Estadual Presidente Tancredo de Almeida Neves em Cláudio/MG se beneficiou do embasamento teórico e metodológico proporcionado pela pesquisa. No âmbito da extensão, o foco foi promover a educação financeira entre os alunos, visando estimular uma autonomia financeira sustentável e consciente. Por sua vez, a pesquisa desempenhou um papel fundamental ao fornecer suporte empírico para a atividade extensionista.

Durante a realização da atividade de extensão, os executores puderam adquirir conhecimentos valiosos por meio da coleta e análise de dados empíricos. Esses dados proporcionam dados significativos sobre o entendimento dos alunos em relação aos conceitos de educação financeira, seus hábitos de gerenciamento financeiro e as principais dificuldades enfrentadas. Além disso, permitiram uma avaliação crítica do impacto das estratégias de ensino empregadas, identificando áreas de melhoria e adaptando-as às necessidades específicas dos estudantes. Portanto, a contribuição do componente investigativo foi essencialmente o aprendizado obtido pelos participantes da atividade extensionista, enriquecendo a experiência prática e fornecendo subsídios para o contínuo aprimoramento das iniciativas educacionais em educação financeira.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção serão analisados os dados coletados por meio de questionários aplicados tanto no início quanto no final do curso, além da participação dos alunos durante as aulas e dos relatos de experiência vivenciados ao longo do período. Essa análise será fundamentada nos cinco princípios da Extensão Universitária, que derivam da história e da conjuntura atual sobre a Universidade pública. Esses princípios estão alinhados com as diretrizes estabelecidas pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX): Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

Esses princípios servem como referência para a análise dos dados coletados, destacando a importância da interação dialógica entre universidade e comunidade, da integração entre diferentes disciplinas e profissões, da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, do impacto na formação dos estudantes e da sociedade, bem como da busca por resultados que promovam a transformação social. Através dessa abordagem, busca-se compreender de que forma o curso contribuiu para o desenvolvimento dos

participantes e para a promoção do bem-estar e desenvolvimento das comunidades envolvidas.

Os dados do questionário aplicado indicaram que dos 34 alunos inscritos, 50% eram do gênero feminino e 50% do gênero masculino. Desses, 27 estavam presentes no último encontro do curso. Levando-se em consideração que algumas atividades escolares do final do semestre entraram em conflito com os horários das aulas do curso de Educação Financeira, o que dificultou a participação de alguns alunos, verificou-se que, mesmo assim, o curso obteve boa de aderência, pois 79,41% dos inscritos concluíram o curso.

O primeiro questionário aplicado teve 25 respostas e o segundo 27. Quatro alunos relataram que encontraram dificuldade para acessar o *link* e/ou enviar as respostas. As 8 primeiras perguntas tinham a intenção de traçar o perfil do aluno. A partir dos dados do primeiro questionário, foi possível afirmar que 68% dos respondentes tinham entre 14 e 16 anos de idade e os demais entre 16 e 18 anos. 88% moravam com os pais e 12% com os avós. Apesar da pouca idade, 20% deles declararam ter filhos, o que gerava alguns transtornos para esses jovens, pois, em um momento em que eles ainda deveriam estar se dedicando prioritariamente à sua formação, precisavam dividir o tempo com os cuidados do filho. Outro dado relevante é que 52% tinham uma renda mensal de um salário-mínimo.

Em conversa em sala de aula ficou claro que grande parte dessa renda era proveniente de trabalhos informais em empresas já instaladas ou via economia criativa. Apenas 4% afirmaram que eram capazes de fazer a sua própria despesa. Os demais recebiam ajuda dos pais. 80% não estavam endividados por causa de consumo exagerado e não utilizavam o cartão de crédito para pagar dívidas. Tais resultados colocam esses adolescentes acima da média nacional dos jovens entre 18-24 anos de idade, fase da vida em que estão prestes a ingressar no mercado de trabalho, pois, de acordo com a confederação nacional dos dirigentes lojistas CNDL (2019), 37% dos jovens de 18-24 anos já estiveram com nome negativado. A pesquisa indicou ainda que 47% não realizava controle financeiro e apenas 52% diziam ter algum dinheiro guardado, infelizmente, em opções pouco rentáveis como poupança (53%), em casa (25%) e em conta corrente (20%).

A partir da nona questão o objetivo passou a ser o comportamento financeiro dos estudantes e, então, foi interessante comparar as respostas do primeiro com as respostas do segundo questionário. O primeiro questionário identificou que 44% dos entrevistados não controlavam seus gastos e 40% faziam o controle apenas através da memorização dos gastos, método pouco eficaz, segundo Cerbasi (2012). Deste modo, pode-se dizer que

84% dos alunos faziam um controle muito superficial dos seus gastos ou simplesmente não o faziam. No segundo questionário estes números caíram de maneira surpreendente. Apenas 18,5% dos discentes afirmaram que ainda faziam o controle apenas através da memorização e 14,8% não faziam controle dos gastos, ou seja, caiu de 84% para 33,3%.

Antes do curso apenas 48% possuíam conta corrente em corretora ou em instituição bancária. Ao final do curso 70,4% já tinham acesso ao sistema bancário e receberam, durante o curso, orientações básicas sobre as oportunidades e armadilhas que os esperavam. No primeiro questionário 56% acreditam totalmente que a forma como a pessoa lida com o dinheiro vai afetar o seu futuro. Ao término do curso esse número subiu para 66,7%, sinal de que eles entenderam a importância de cuidar bem de suas finanças.

Apenas 20% afirmaram gostar de possuir coisas que impressionam as pessoas e de comprar supérfluos, não se importando com quanto custava e quanto tempo demoraria para pagar. Esse número se manteve estável com 21,1% no segundo questionário. Nesse ponto eles chegaram para o curso com um entendimento alinhado com o seu propósito, o que facilitou as discussões a respeito do consumo consciente.

Pelo primeiro questionário, obteve-se que 36% acreditavam que a melhor maneira de sensibilizar as pessoas acerca da educação financeira era na família, 32% entendiam que cada um deveria procurar se informar por conta própria e 28% acreditavam que o melhor espaço para tratar desse assunto era na escola. Após o curso, o número de pessoas que viam a escola como o melhor espaço subiu para 48,1%, na família caiu para 25,9%, enquanto, cada um por conta própria caiu para 22,2%. Esses dados demonstraram que os cursistas passaram a reconhecer a escola como um espaço privilegiado para esse tipo de aprendizagem e, possivelmente, entenderam a relevância do assunto, sua complexidade, e conseqüentemente, a dificuldade de aprender sobre esse tema sozinhos.

Inicialmente, quando perguntados, quanto à frequência que compravam de forma espontânea, sem pensar muito, 40% dos entrevistados afirmaram que compravam por impulso algumas vezes e 36% afirmaram que raramente compravam sem fazer planejamento. No final do curso, a opção raramente subiu para 55,6% e a opção algumas vezes caiu para 33,3%. Apesar de não comprarem para impressionar os outros, vez ou outra compravam por impulso, sem se planejar, o que poderia impactar negativamente o seu equilíbrio financeiro. O curso lhes deu um novo olhar sobre esse aspecto, levando-os a assumirem um propósito de mudança

No início do curso, 36% preferiam pagar parcelado com alguma frequência, mesmo que com juros, do que esperar ter o dinheiro para comprar à vista. 28% raramente

o faziam e 28% nunca realizavam esse tipo de compra. Na segunda aplicação do questionário, o número de respostas com a opção raramente subiu para 44,4%, a opção algumas vezes caiu para 22,2%, enquanto a opção nunca subiu para 33,3%. As temáticas desenvolvidas conseguiram alertá-los para o fato de que as compras parceladas dão a falsa sensação de que o sujeito tem dinheiro, quando na verdade ele gastou recursos que ganhará futuramente. Além disso, entenderam que os juros nos investimentos são fortes aliados do investidor, enquanto nas compras parceladas, sem a devida necessidade, provocam um impacto negativo enorme sobre as finanças, porque o dinheiro acaba sendo usado para pagar taxas e não para adquirir bens.

No primeiro questionário aplicado, 56% sempre analisavam suas finanças antes de fazer uma grande compra, 24% poucas vezes analisavam e 20% responderam que muitas vezes faziam a análise. Ao final do curso, a opção sempre subiu para 92,6% e as duas outras opções caíram para 3,7% cada. A partir desse dado pode-se afirmar que as noções de planejamento e consumo consciente, largamente discutidas ao longo do curso, foram muito bem absorvidas pelo grupo, porque as compras por impulso diminuíram e as compras planejadas aumentaram. Essa cautela pode livrá-los de grandes embaraços provocados por um endividamento fora do controle no futuro.

Sobre o curso de Educação Financeira ministrado, o primeiro encontro teve início com a exibição de um vídeo de Eduardo Felderg, o ‘Primo Pobre’, que aborda a mudança de mentalidade que a educação financeira propõe. Em seguida, foi apresentado como seria o curso, delimitando os temas a serem abordados nas próximas aulas. Após breve conceituação e contextualização do tema, o instrutor fez um depoimento dos benefícios que o cuidado com as finanças gerou em sua vida e mostrou para eles suas projeções financeiras futuras. Os olhinhos dos alunos brilharam quando perceberam que um investimento de R\$300,00 por mês aplicados com um rendimento médio de 15% ao ano, algo factível para um investidor médio, durante 30 anos, pode gerar um patrimônio de mais de 1,5 milhão de reais com apenas R\$108.000,00 investidos.

O nível de interesse aumentou ainda mais quando foram apresentadas as regras da gincana de educação financeira, que se tratava de uma série de provas a serem realizadas em casa, a título de aprofundamento e prática dos temas tratados em aula, com premiação para os três primeiros colocados. A gincana foi projetada para compensar a dificuldade que os discentes tinham de se apropriar dos conteúdos discutidos. De fato, eles, por sua pouca idade, em sua maioria possuíam renda muito baixa ou simplesmente, ainda não tinham renda. Assim, quando eles paravam para refletir em casa discutindo os assuntos

com os pais, tudo passava a ter mais sentido, pois eles percebiam que as questões tinham aplicabilidade, ou seja, aquele aprendizado não era para fazer uma prova. Tratava-se de um conhecimento para a vida toda. Para estimulá-los a ter algum contato com o universo dos investimentos, os prêmios escolhidos foram produtos do mercado financeiro: ações, fundos imobiliários e Tesouro Selic.

Após a apresentação da gincana, a discussão passou a girar em torno da identificação do perfil financeiro dos estudantes. O instrutor, com seu violão, cantou e tocou a música ‘Vida mais ou menos’ gravada pela banda Luxúria como manual do que não se deve fazer. Um trecho da música diz: “dinheiro foi feito para gastar. Quem espalhou pelo mundo que se vire pra juntar” (Doidão, 2013).

Os alunos se descontraíram e até se reconheceram na letra da música em alguns momentos. Grande parte da turma revelou ter um perfil gastador, mas um bom número afirmou ter um perfil poupador.

Antes de encerrar o primeiro encontro, foi proposto um debate em sala com a seguinte questão: “o dinheiro pode trazer a felicidade?” As opiniões se dividiram bastante até chegarem ao consenso de que o dinheiro não pode trazer a felicidade, mas pode proteger contra certos imprevistos, gerar conforto e custear situações que podem promover momentos felizes, como uma viagem. A felicidade, por sua vez, é fruto de uma busca que cada um deve fazer no interior de si mesmo. O dinheiro, portanto, será um meio e não um fim. Para reforçar essa ideia, eles foram convidados a assistir em casa o filme ‘Soul’ da Pixar Animation Studios, que faz uma bela reflexão sobre o sentido da vida.

Por fim, como primeira prova da gincana, eles foram orientados a escrever um projeto de vida. A intenção dessa primeira prova foi tirá-los do imediatismo vigente, que leva as pessoas a quererem as coisas para agora, e fazê-los começar a pensar no futuro. Essa primeira etapa gerou trabalhos muito interessantes.

O segundo encontro iniciou com uma revisão e seguiu com a explanação do que vem a ser o Planejamento Financeiro. Após, os cursistas foram instigados a responder às seguintes perguntas: Qual é o seu maior sonho? Qual é o seu sonho para médio prazo? Qual é o seu sonho de curto prazo? As respostas foram as mais diversas. Enquanto alguns tinham como grande sonho ser médico, outros queriam ser jogadores de futebol e outros comprar um cavalo. Alguns diziam não ter sonho algum e foram estimulados a criar um, porque os sonhos têm a capacidade de impulsionar o ser humano a dar o próximo passo e suportar as renúncias com menos sofrimento. Foi ressaltado que o sonho precisa ser da pessoa, porque sonhar os sonhos dos outros não gera o mesmo resultado.

Uma vez definidos quais eram seus sonhos, o próximo passo era transformá-los em metas claras e bem definidas. E essas metas deveriam estar atreladas aos sonhos, ou seja, a primeira meta deveria se referir ao sonho de curto prazo, a segunda meta ao sonho de médio prazo e a terceira ao sonho de longo prazo. A prova da gincana para o segundo encontro consistiu justamente em montar um planejamento para o sonho de longo prazo e um para o de curto prazo. Seguindo as orientações de Clason (2017), os atuais sonhadores deveriam reservar pelo menos 10% de sua renda para alcançar seus objetivos. Os mais ousados podem, ainda, aderir à opinião do Nigro (2018), que, para construir o seu patrimônio atual, chegou a guardar 40% de seus ganhos. De qualquer forma, o importante é guardar um pouco do que se ganha para montar inicialmente a sua reserva de emergência. E, em seguida, lutar para alcançar seus sonhos.

Para ilustrar esta reserva o ministrante do curso aplicou uma dinâmica que consistia em colocar 10 chocolates numa bandeja e retirar 9, repetidas vezes, simulando a aplicação de 10% do rendimento. Em seguida passou a colocar os mesmos 10 chocolates na bandeja e retirar apenas 6, várias vezes, representando o investimento de 40% da receita. A conclusão a que chegaram foi que o que mais importa não é tanto a quantidade a ser reservada e sim a disciplina, a constância na aplicação. Desse modo, mais cedo ou mais tarde a bandeja tende a transbordar. A bandeja, nesse caso, representa o bolso e os chocolates, o dinheiro.

De antemão já se imaginava que, nesse ponto da discussão, eles já estariam desanimados, porque perceberam que seus recursos eram insuficientes para alcançar seus objetivos. E, de fato, isso aconteceu. Um aluno comentou: “Ah professor! Mas isso é muito difícil”. Para levantar o moral do grupo, foi exibido um trecho do filme “A procura da felicidade”. O drama conta a história de Chris Gardner, um pai de família que luta para educar seu filho, enfrentando vários desafios financeiros. No trecho apresentado, Gardner, o protagonista do filme, diz ao seu filho: “Nunca deixe ninguém te dizer que não pode fazer alguma coisa. Nem mesmo eu... As pessoas não conseguem vencer e dizem que você também não vai vencer. Se você quer uma coisa corre atrás. Ponto!” (À PROCURA, 2006).

Em seguida, deu-se início à apresentação do tripé da riqueza de Nigro (2018). Iniciou-se pelo tópico geração de renda, para linkar com a palestra do encontro seguinte sobre empreendedorismo. Nesse momento foi acentuada a importância de se investir em si mesmo, através de uma formação profissional e acadêmica para se colocar no mercado de trabalho. Também foi dado destaque para o intraempreendedorismo, que é a ideia de

empreender dentro da empresa que trabalha, sem correr os riscos de montar o seu próprio negócio. Além disso, foram apresentadas diversas maneiras de gerar renda extra ativa e passiva para diversificar as fontes de renda.

O terceiro encontro foi conduzido por uma palestrante e consultora do Sebrae, especialista em Finanças. A palestrante seguiu na mesma pauta de levar os alunos a sonharem com o futuro. Imaginar, enxergar possibilidades, problemas e soluções para o que está por vir, pode ser o pontapé inicial para a criação de um bom negócio.

Ela primeiramente destacou o que chamou de cartas do presente, perguntando quais problemas existem atualmente na cidade. Os alunos responderam que os maiores problemas da cidade eram a localização do parque de exposição, o alto custo de vida, as limitações com a acessibilidade, falta de entretenimento e o fato de que a cidade possuía um grande polo industrial, mas o investimento não ficava na cidade.

Em seguida, o foco passou a ser o que ela chamou de cartas do futuro com a pergunta: como você imagina Cláudio daqui a 12 anos. As respostas foram que Cláudio vai expandir com *shopping*, cinema, crescimento das fundições e crescimento da economia. Então ela propôs que os alunos pensassem em cartas do futuro que resolviam as cartas do presente. As sugestões foram afastar as indústrias da cidade, criar uma infraestrutura compatível com o crescimento da população e repensar o transporte.

Num segundo momento, a palestrante resgatou algumas referências como Martin Luther King e Steve Jobs que tinham em comum o sonho e o trabalho duro. A partir desse ponto ela convidou os discentes a refletirem com as seguintes perguntas. O que te move? O que você gosta de fazer? O que você faz bem? Pelo que você seria pago? E, por último, do que o mundo precisa? Com essa série de perguntas os alunos tiveram a oportunidade de identificar seus talentos e buscar uma maneira de monetizar suas habilidades.

Encerrando, ela chamou a atenção para a necessidade de fazer coisas diferentes, experimentar o novo, pois se a pessoa fizer sempre a mesma coisa vai acabar limitando a sua capacidade criativa. O primeiro passo precisa ser dado agora. A palestrante se despediu deixando uma dica para os alunos escreverem uma carta para si mesmos para ser lida quando concluírem o ensino médio. Essa atividade foi muito bem recebida pelo grupo e acabou sendo transformada em prova da gincana do terceiro encontro. Desta proposta surgiram vários trabalhos de boa qualidade. Um exemplo deles foi o de uma das primeiras colocadas da gincana, que perguntou para si mesma no futuro se já tinha dado início à sua carreira de estilista, suas pinturas, fotos, curso de fotografia que pretendia fazer e encerrando com uma menção carinhosa aos pais. O que se pretendia com essa

prova era que, ao colocar isso no papel, eles tivessem uma visão mais clara de seus objetivos, o que facilitava a busca para alcançá-los.

O quarto encontro se debruçou sobre outro pilar da riqueza de Nigro (2018): gastar melhor. O tema em questão foram os hábitos de consumo. O autor diz: “fique rico, mas não agora” (Ibidem, 2018, p.22). Após uma breve revisão, o tema foi contextualizado através de uma charge que mostra um sujeito perfeitamente adaptado numa sociedade doente.

Aqui as elucubrações fluíram embasadas na obra intitulada ‘Elogio da loucura’ de Erasmo de Roterdão. De acordo com Reale e Antiseri (2003), Roterdão sustenta que estar adaptado numa sociedade doente é o mesmo que estar doente. A loucura, nesse caso, é reveladora da verdade, e essa postura fará do sujeito um desajustado. Trazendo essa reflexão para a educação financeira, o que se percebe é que ir contra os preceitos de uma sociedade consumista, muito provavelmente fará com que o sujeito seja considerado um louco.

Outro pensador que auxiliou a interpretar essa charge foi o sociólogo Zigmund Bauman e o que ele chama de sociedade líquida. Segundo Pallares-Burke (2003), Bauman sustenta que tudo é temporário, fluído, efêmero na sociedade atual e, por isso, a metáfora da liquidez. Sociedade líquida remete à sua incapacidade de manter a forma. “Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’.” (Ibidem, p. 2). Em meio a toda essa volatilidade, as pessoas tendem a valorizar muito mais o que elas têm ou representam ter do que aquilo que realmente são. Sobretudo os jovens veem-se obrigados a parecer com aqueles do seu grupo de amigos para ser aceito. E no campo da educação financeira agir pelas aparências provoca sérias consequências negativas como o endividamento exagerado e a subsequente inadimplência. Para essa etapa contextual foi exibido um vídeo bastante impactante do youtuber Eduardo Feldberg intitulado: ‘O maior erro do pobre’, que na visão do youtuber, é justamente achar que não é pobre e agir como se fosse rico (O MAIOR..., 2021).

A segunda etapa do encontro se propôs a preparar os estudantes a se protegerem dos fatores externos como o *layout* das lojas e as técnicas dos vendedores e das armadilhas internas que os consumidores criam contra si mesmos, como o desejo, o impulso e os vieses de confirmação.

Feita essa preparação, eles foram orientados a fazer o seu orçamento financeiro, apontando todo o dinheiro que entra, todo o dinheiro que sai e todo o dinheiro que é

poupado. Aqui foi lançado o desafio dos 30 dias, uma das provas do encontro. Nesse desafio eles deveriam anotar todos os seus gastos e ganhos para terem uma visão precisa de quanto eles têm de receita e de despesa para estimar sua capacidade de investimento. Ferramentas de lançamento e monitoramento como caderno, planilha e aplicativos de educação financeira foram apresentados para facilitar a realização do desafio. Baixar o aplicativo *Mobbills* foi outra prova deste encontro. Este, mesmo em sua versão gratuita, é uma maneira bastante simples de se fazer os lançamentos. Além disso, conta com uma calculadora que faz contas de alta complexidade no âmbito da matemática financeira, como conversão de juros compostos mensal para anual, cálculos de parcelas de empréstimo, e projeção de investimentos em renda fixa, tudo isso, em poucos cliques.

A terceira e última prova lançada no dia foi auxiliar os pais a fazerem as compras do supermercado, observando a periodicidade indicada para sua realidade. Nesse ponto, Cerbasi (2012), sustenta que se os pais recebem uma vez por mês e/ou são descontrolados com os gastos é melhor fazer a compra uma vez por mês. Porém, se receberem salário no início do mês e adiantamento no final, é melhor fazer a compra quinzenalmente para não ficarem com dinheiro parado na dispensa e sem dinheiro para honrar com os outros compromissos da casa. Entretanto, se os arrimos de família forem descontrolados, é melhor ir o mínimo possível ao supermercado, para errar menos.

Além da periodicidade, foi ressaltada a importância de se analisar bem as quantidades para não exagerar nos estoques e realizar uma pesquisa de preços, porque, muitas vezes, a compra é feita no local mais próximo ou no estabelecimento do amigo, que nem sempre tem o melhor preço.

A prova do supermercado, sem dúvida, foi a que gerou os melhores benefícios. Os alunos ficaram cheios de dúvidas porque muitos deles não faziam ideia de onde vinha os recursos para comprar os itens consumidos em casa. Alguns relataram que passaram a entender melhor a negativa dos pais em comprar aquele item de marca mais cara, às vezes, só por causa do rótulo. Outros afirmaram que acompanharam os pais nas compras e, aplicando o aprendizado adquirido em sala de aula, tiveram redução significativa nos gastos mensais. Com esse resultado este trabalho extrapolou os muros da escola, atingindo a família dos adolescentes. Isso, por si só, já valeu todo o esforço dedicado até aqui.

O quinto encontro abordou, primeiramente, o tema “crédito”. Os alunos foram alertados sobre os riscos de ceder nome a terceiros, emprestar dinheiro a parentes e amigos, decidir por impulso, não pesquisar alternativas, não ler contratos, desfrutar do

cheque especial como se fosse saldo em conta, permitir o acúmulo de dívidas e solicitar crédito quando não é necessário. Em seguida foram apresentadas as modalidades de empréstimo, a diferença entre empréstimo e financiamento e as principais diferenças entre a tabela SAC e a tabela Price. Segundo Vianna (2018), na tabela SAC, a prestação começa maior e vai diminuindo com o passar do tempo porque a amortização é constante e os juros são cobrados mensalmente sobre o valor total da dívida. Na tabela Price, a prestação é fixa, a amortização é menor no início e aumenta no final. A incidência de juros acaba sendo maior na tabela Price porque os juros também são cobrados mensalmente sobre o valor total da dívida e o abatimento da dívida no início é menor que na tabela SAC.

Em seguida foi lançado um novo debate: vale a pena antecipar parcelas de um financiamento. De fato, o valor de uma parcela no início de um financiamento na tabela SAC, às vezes reduz 3 ou quatro parcelas do financiamento. Do ponto de vista matemático, não vale a pena, porque não há redução de juros e caso o dinheiro da antecipação seja aplicado com um retorno anual superior ao da taxa de juros do financiamento, o montante ao final dos pagamentos será maior que o da antecipação. Porém, do ponto de vista psicológico, existe um estímulo muito grande a poupar para ficar livre do financiamento o mais rápido possível.

O próximo assunto foi as dívidas, que na visão de Cerbasi (2012) é igual à gordura do corpo. Dá para viver tranquilamente sem ela, mas ter um pouquinho não faz mal a ninguém. Para ele alguns tipos de dívida, se bem administradas como o financiamento de um imóvel ou um automóvel, são benéficos porque dão condições às famílias de desfrutarem de bens que provavelmente nunca conseguiriam de outra forma. O grande problema está na falta de organização financeira, uso não planejado do crédito e dos imprevistos como as doenças e o desemprego. Se a situação sair do controle, o autor indica declarar guerra às dívidas. E seu arsenal compreende trabalhar a questão emocional, fazer uma contenção de gastos, organizar as dívidas, pagar primeiro as de maior taxa e maiores prestações, trocar todas por um empréstimo pessoal que caiba no orçamento, refinanciamentos, aumentar a renda, vender o que não é necessário e celebrar a vitória.

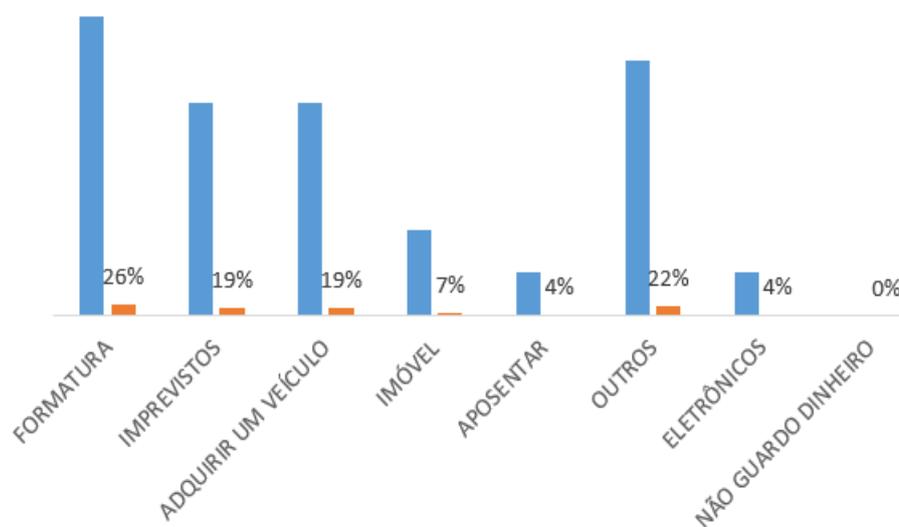
Por fim, foram abordados tópicos centrais da economia, explanando o que fatores como dólar, juros e inflação têm a ver com a vida do cidadão comum.

A prova desse encontro foi abrir uma conta no banco Inter, instituição escolhida pelo fato de não cobrar taxas e ser, ao mesmo tempo, banco e corretora, com um *layout* bastante simples, o que o torna fácil e prático.

Ao longo da semana, as pontuações da gincana foram apuradas e os 10 melhores colocados ganharam o direito de levar alguma contribuição para o curso a título de desempate. Essa contribuição tratava-se de um comentário de, no máximo, 2 minutos de algum livro, artigo, ou até mesmo um depoimento dos impactos do curso em sua vida. Todos os que cumpriram as provas ganharam 100% dos pontos da atividade. Entretanto, somente os trabalhos dos 10 primeiros foram corrigidos. Estes, além da nota máxima, ganharam pontos de conceito e participação em sala de aula. Desses 10 melhores, somente 2 homens estavam no páreo e 1 deles foi superado porque não levou a contribuição para o curso.

O sexto e último encontro veio para conectar todos os temas trabalhados até então e apresentar os diversos produtos do mercado financeiro. No início da aula, 6 alunos levaram suas contribuições para o curso. Três deles levaram histórias de sucesso de empreendedores como Louis Vuitton, uma levou o livro inteligência financeira de Berman e Knight e a outra levou um conto infantil do *YouTube*.

Após a revisão, foram apresentados os perfis de investidor, que segundo Nigro (2018), se dividem em: conservador, moderado e arrojado. Seu perfil vai indicar qual produto combina melhor com a estratégia a ser traçada. Aqui foram apresentadas as principais características dos ativos da renda fixa, CDB, LCI, LCA e dos títulos do governo: tesouro Selic, IPCA e prefixados. Da renda variável, o curso trouxe as principais estratégias de investimento: *Day Trade*, *Swing Trade* e *Buy and Hold*. Nigro (2018) afirma que no *Day Trade* a compra e a venda são realizadas no mesmo dia. No *Swing Trade*, a compra e a venda são feitas com um espaço maior do que um dia. Já no *Buy and Hold* a compra é feita para não mais vender. O objetivo é viver dos dividendos. Em seguida foram apresentadas algumas estratégias de diversificação de carteira e de escolha dos ativos como ações e fundos imobiliários. Um dado interessante foi que ao final do curso todos afirmaram ter conseguido formar algum tipo de reserva financeira para realização de um sonho, como representado no Gráfico 1. Observou-se que os principais objetivos foram formatura (26%), outros (22%), imprevisto e adquirir veículos com 19% cada.

Gráfico 1 - Objetivos para formação de reservas financeiras

Fonte: Autoria própria (2023)

Concluindo o curso, procedeu-se à entrega das premiações, e agradecimentos à escola e aos alunos que tanto colaboraram com o desenrolar deste trabalho.

O bolsista do projeto despediu-se com uma reflexão acerca do mito das cavernas de Platão, que impulsiona o ser humano a uma vez que tem contato com a verdade, divulgá-la àqueles que ainda se encontram presos às suas ilusões. Ficou o convite para que todos disseminem em sua rede de relacionamento os conceitos aprendidos no curso.

Uma vez concluído o curso, o bolsista e a orientadora do projeto discutiram os resultados e concluíram que foram positivos, superando todas as expectativas. As músicas cantadas com os alunos serviram como um quebra gelo, diminuindo alguma barreira que pudesse existir entre os alunos e o professor, que ainda era estudante e desconhecido. A proposta da gincana se tornou o grande destaque do curso pois despertou nos alunos um espírito de concorrência e eles se movimentaram para conquistar as premiações dos primeiros colocados. Todas as provas foram projetadas para reforçar os assuntos

apresentados e discutidos em sala de aula ou para prepará-los para os temas subsequentes. Os pequenos prêmios, como um bombom para quem desse a melhor resposta, tivesse a melhor participação ou desse algum depoimento de como eles percebiam que o curso estava sendo importante para eles, entre outras provocações durante as aulas, instigaram a sua participação ativa em sala de aula, favorecendo significativamente a fixação dos conteúdos propostos. Os vídeos, em sua maioria bem-humorados e em linguagem simples, retirados do *Youtube*, plataforma de compartilhamento de vídeos largamente utilizada pelos discentes, ajudaram bastante a fazê-los perceber que esse assunto não era algo estranho, distante ou restrito a algum determinado grupo, mas algo acessível e praticável por qualquer um que se proponha a dedicar-se a entender e cuidar de suas finanças.

Aqui, portanto, evidenciou-se fortemente a relevância do curso, primeiro porque ele auxiliou a Escola Estadual Presidente Tancredo Neves a se colocar em sintonia com as orientações da OCDE e da BNCC de introduzir a educação financeira como tema transversal em sua grade curricular. Segundo, porque auxiliou a Uemg a se aproximar e integrar comunidade e universidade. E esta proposta de integração segundo Fernandes *et al* (2012) é uma das principais características da extensão. De fato, as provas da gincana extravasaram o espaço acadêmico alcançando a comunidade na figura dos pais e pessoas próximas aos discentes impactados pelo curso. Por fim, despertou no bolsista um forte interesse pela docência, além de um compromisso maior com as causas sociais, bem em consonância com o pensamento de Fernandes *et al* (2012, p. 3) que sustentam que

A extensão possibilita ao acadêmico a experiência de vivências significativas que lhe proporciona reflexões acerca das grandes questões da atualidade e, com base na experiência e nos conhecimentos produzidos e acumulados, o desenvolvimento de uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira.

Avaliação do curso pela equipe extensionista identificou também alguns pontos de melhoria para possíveis trabalhos futuros. Uma sugestão foi incluir mais uma aula no curso para tratar apenas dos diversos produtos e possibilidades do mercado financeiro, pois esse tema gerou grande expectativa por parte dos alunos ao longo do curso e seria interessante lançar um debate estimulando-os a identificar boas oportunidades no mercado financeiro com base no que foi apresentado ao longo do curso. Assim, o último encontro ficaria reservado somente para as avaliações, discussões e premiações, podendo até ser promovida uma pequena confraternização para celebrar o encerramento de

maneira mais condizente com todas as alegrias vivenciadas ao longo do curso pelos discentes, pela escola e pelo professor.

Outra sugestão foi ampliar o campo de atuação levando o curso a outras escolas e para empresas. O questionário também pode ser reformulado acrescentando a pergunta sobre onde eles investem ou pretendem investir o seu dinheiro. Por fim, seria interessante avaliar os efeitos de longo prazo da educação financeira nas escolas, reaplicando o questionário aos alunos no momento da conclusão do ensino médio, comparando a evolução dos que fizeram o curso e dos que não participaram dessa atividade.

O curso obteve excelente aceitação dos alunos, que interagiram bastante em sala de aula, entregaram um trabalho de qualidade e manifestaram interesse em conhecer mais sobre investimento. Para o extensionista, “ministrar o curso foi uma experiência maravilhosa de grande enriquecimento e aprendizagem. Ajudar os alunos a encontrarem um propósito para sua vida e projetar seu futuro, tomando consciência da importância de se cuidar bem de suas finanças reforçou todas essas diretrizes em sua própria trajetória”. A principal satisfação veio do engajamento dos alunos e de seus depoimentos:

“(...) vamos sentir sua falta, o curso até hoje foi ótimo”

“O curso foi incrível”

“Muito obrigada. Deus abençoe, vou levar em frente tudo que aprendi com você, obrigada pelas suas instruções e seus ensinamentos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo fomentar a educação financeira na Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves de Cláudio/MG, como proposta de autonomia financeira duradoura e consciente. Para tanto foi ministrado um curso de educação financeira para os estudantes do primeiro ano do ensino médio de maneira presencial.

A análise dos dados e as observações feitas ao longo do curso revelaram que, os objetivos foram alcançados, e até superados pois os estudantes demonstraram um alto nível de engajamento com os tópicos discutidos, expressaram que, após a conclusão do curso, foram capazes de acumular uma reserva financeira e demonstraram curiosidade em expandir seus conhecimentos sobre investimentos. Durante o curso foi possível apresentar os conceitos de educação financeira, demonstrar as ferramentas que poderão ser utilizadas para o controle financeiro, apresentar as opções de investimentos financeiros, discutir sobre consumo consciente e a formação de reservas financeiras e

capacitar os estudantes a administrarem sua renda e a tomar decisões financeiras mais conscientes.

O trabalho apresentou uma limitação no tempo reservado para a apresentação dos conteúdos do mercado financeiro. Sugere-se acrescentar mais um encontro reservado para a seleção de ativos, com a possibilidade de fazer uma análise e uma compra ao vivo com os estudantes.

Algumas atividades dependiam da internet para serem realizadas, porém, em alguns momentos a rede apresentou certa instabilidade e pode ter dificultado o devido entendimento por parte dos alunos.

Sugere-se a oferta desse conteúdo em outras escolas e em empresas, com o propósito de contribuir com a saúde financeira das pessoas.

REFERÊNCIAS

À PROCURA da felicidade. Direção: Gabriele Muccino. Produção: Will Smith, Tood Black *et al.* Intérprete: Will Smith, Thandiwe Newton, Jaden Smith. Roteiro: Steve Conrad. Fotografia: Phedon Papamichael. Estados Unidos: **Overbrook Entertainment, Escape Artists, Relativity Media e Columbia Pictures**, 2006, *Online*, UniTV.

BRASIL, Banco Central. **Brasil: implementando a estratégia nacional de educação financeira**, 2. [S. l.]: Banco Central, [2012?]. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/Estrategia_Nacional_Educacao_Financeira_ENEF.pdf. Acesso em: 09 ago. 2023.

BRASIL, Banco Central. **Efeitos de longo prazo da educação financeira em escolas brasileiras: evidências de ação educacional de 2010-2011**. [S. l.]: Banco Central, n.82, 2020. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE082_Efeitos_de_longo_prazo_da_educacao_financeira_em_escolas_brasileiras_evidencias_de_acao_educacional_de_2010-2011.pdf. Acesso em 03 jan. 2024.

BRASIL, Ministério da economia. **Instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira**. [S. l.]: Comissão de valores mobiliários, 24 dez. 2010. Disponível em: [Instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira — Comissão de Valores Mobiliários \(www.gov.br\)](http://www.gov.br). Acesso em 22 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf \(mec.gov.br\)](https://www.mec.gov.br/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em 01 nov. 2023.

CERBASI, Gustavo. **Como organizar sua vida financeira: Inteligência financeira pessoal na prática**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

CLASON, George Samuel. **O homem mais rico da Babilônia**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

CNDL. 47% Dos jovens da geração z não realizam o controle das finanças, aponta pesquisa cndl/ spc brasil. **CNDL**, 2019. Disponível em: <https://cndl.org.br/politicaspUBLICAS/47-dos-jovens-da-geracao-z-nao-realizam-o-controle-das-financas-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

CORECON, Conselho Regional de Economia. **Educação financeira: uma ferramenta para melhorar a qualidade de vida**. 2016. Disponível em: <https://www.coreconms.org.br/files/cartilha-educacao-financeira-corecon-ms.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023

CUNHA, Márcia Pereira. O mercado financeiro chega à sala de aula: educação financeira como política pública no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/L9qwW5jc6b5qrfFgxDbgyxt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2023.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 1–13, 2008. 4.

DALMORO, Marlon; VIEIRA, Kelmara M. Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **RGO Revista Gestão organizacional**, [S. l.], v.6, n.3, p.1–14, 2014.

EPCT Encontro De Produção Científica e Tecnológica, VI., 2011, Campos Mourão, PR. **Educação financeira nas escolas: um estudo nas escolas públicas do ensino médio do município de Juranda/PR** [...]. [S. l.: s. n.], 2011. 13 p. Tema: educação financeira.

FERNANDES, M. C. et al. A universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n.04, p. 169–194, 2012.

LUXÚRIA1, Banda. **Vida mais ou menos**. Compositor: Tiago Doidão. Brasil, DI Oliveira produções e eventos, 2013, Online, YouTube.

MATOS, T. V. de, et. al. A Educação financeira como tema transversal na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. **Refas - Revista Fatec Zona Sul**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 1–18, 2022. DOI: 10.26853/Refas_ISSN-2359-182X_v08n03_06.

NIGRO, Thiago. **Do mil ao milhão: sem cortar o cafezinho**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

O MAIOR erro do pobre (**se você não parar com essa burrice, garanto que vai ser pobre até morrer!**). [S. l.: s. n.]. 2021. 1 Vídeo (12 min.). Publicado pelo canal Primo Pobre. Disponível em: (4680) O MAIOR ERRO DO POBRE (Se você NÃO PARAR COM ESSA BURRICE, garanto que VAI SER POBRE ATÉ MORRER!) - YouTube. Acesso em: 15 jan. 2024.

OCDE, Organização para a cooperação e o desenvolvimento econômico. **Recomendação sobre os Princípios e as Boas Práticas de Educação e Conscientização Financeira**. [S. l.]: OCDE, 2005. Disponível em: [Recomendação Sobre Os Princípios e As Boa Práticas de Educação e Conscientização Financeira | PDF | Economia | Mercados financeiros \(scribd.com\)](#). Acesso em: 12 dez. 2023.

OCDE, Organização para a cooperação e o desenvolvimento econômico. **Princípios de alto nível da INFE para avaliação de programas de educação financeira**. [S. l.]: OCDE, 2012. Disponível em: [oecd-infe-high-level-principles-for-the-evaluation-of-financial-education-programmes-portuguese.pdf](#). Acesso em: 14 dez. 2023.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A sociedade líquida. **UOL**. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1910200305.htm>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A sociedade líquida: Zigmunt Bauman defende a literatura como forma de compreensão da condição humana e ataca os “muros da academia” e a alienação dos intelectuais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, v. 19, 2003.

PATI, Raphael. Cresce o número de endividamento entre os mais pobres em setembro. **Correio Brasiliense**, 2023b.

PATI, Raphael. Inadimplência registra novo recorde em agosto, segundo CNC. **Correio Brasiliense**, 2023a.

PESSOA, Cristiane Azevedo dos Santos; Muniz, Ivail; Kalinke, Marco Aurélio. Cenários sobre educação financeira escolar: entrelaçamentos entre a pesquisa, o currículo e a sala de aula de Matemática. **EM TEIA-Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 9, n. 1, p. 1-28, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Do humanismo a Kant. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SERASA. 83% dos endividados sofrem insônia por conta das dívidas e 74% têm dificuldade de se concentrar, revela pesquisa da Serasa. **Serasa**. 2022. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/imprensa/83-dos-endividados-sofrem-insonia-por-conta-das-dividas-e-74-tem-dificuldade-de-se-concentrar-revela-pesquisa-da-serasa/>. Acesso em: 03 jan. 2024.

SILVA, Arlam Dielcio Pontes da. **Atividades de Educação Financeira em livro didático de Matemática**: como professores colocam em prática? Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, UFPE, Recife, 2018.

SILVA, Valdilene Gonçalves Machado *et al.* Empreendedorismo se aprende na escola: proposta direcionada aos alunos do ensino médio das Escolas Estaduais de Cláudio. **Revista Extensão em Foco**. Palotina, n. 32, p. 127-145, jan./jun. 2024.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação matemática crítica**: a questão da democracia. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

VIANNA, Renata de Moura Issa. **Matemática financeira**. Salvador: Faculdade de ciências contábeis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28123/1/Matem%C3%A1tica%20Financeira.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2024.

Recebido em: 29 de janeiro de 2024.

Aceito em: 14 de maio de 2024